



Limites e Organização do Pensamento

“Tu julgarás a ti mesmo...”

É o mais difícil. É bem mais difícil

julgar a si mesmo que julgar aos outros

Se consegues julgar-te, eis um verda-

deiro sábio.”

Saint-Exupéry

É observado por nós educadores que a criança, no ambiente escolar, apresenta algumas dificuldades no tocante à discriminação das letras, compreensão, interpretação, raciocínio e outras, muitas vezes, relacionadas a uma confusão e desorganização do pensamento.

Geralmente, os pais atribuem essas dificuldades a uma falha na pedagogia escolar. Não é nossa pretensão excluir a possibilidade da escola falhar, mas, na maioria dos casos por nós analisados, as verdadeiras causas dessas dificuldades têm suas raízes na desorganização interna da criança, como consequência de déficits pedagógico-familiares.

Referimo-nos à ausência de limite e atribuição de responsabilidades à criança. Não se trata de uma educação repressora, pois esta se constituiria no outro extremo de uma educação permissiva.

Os limites, ao nosso ver, caminham paralelamente às responsabilidades, propiciando uma maior segurança e clareza de pensamentos à criança.

Parece muito difícil aos pais dizer e manter o “não”. Basta o filho choramingar, ou contestar, que estes cedem com medo de frustrá-lo e ocasionar problemas futuros.

Não percebem que desta forma estão contribuindo com a dificuldade da criança em lidar com as frustrações e conseqüentemente com o pensar.

Essa educação a qual nos referimos deve ter início na tenra infância, pois o excesso de gratificação atrapalha o desenvolvimento do pensamento e das estruturas psicológicas da criança, mantendo-a infantilizada.

O excesso de mimo observado principalmente em filho caçula, filho único, primeiro neto, “filho temporão”, levam a criança, quando não satisfeita, ao comportamento de “birra”. Posteriormente, quando mais velha, essas birras surgem carregadas de agressões.

Um exemplo clássico refere-se à solicitação do filho por coisas que, no momento, os pais julgam inadequadas:

- comprar um brinquedo, um celular novo, um *vídeo-game*, quando não podem fazê-lo ou quando consideram desnecessário;
- brincar quando há responsabilidade para cumprir, como estudar, lição de casa, arrumar a mochila;
- assistir a um filme, novelas ou programas de TV com cenas fortes, picantes e violentas, quando a criança não tem estrutura para compreendê-los;
- continuar o jogo de *vídeo-game*, ver TV, usar redes sociais, quando já faz algum tempo que a criança está nessa atividade, evitando os excessos;
- dormir com os pais, quando a criança tem seu quarto e sua cama, à custa de “birras” e choros.

Esta última atitude separa e inibe o casal nos papéis de marido e mulher, restringindo-os ao papel ligado à maternagem.

Queremos lembrar que os bons pais são aqueles que frustram e gratificam no momento exato.

Para que esse processo tenha sucesso, o casal deve se harmonizar através de diálogos constantes e discutir o que consideram adequado, ou não, em suas atitudes e chegar a um consenso, de preferência longe da criança.

Muitas vezes, os pais fazem um jogo de responsabilidades, atribuindo culpas um ao outro por uma atitude negativa da criança. Julgamos contraproducente para a educação do filho, a discordância entre os mesmos, principalmente quando um toma uma atitude e o outro tira-lhe a autoridade.

Nesse contexto, a criança recebe informações contraditórias gerando-lhe confusão. Começa a não discernir o certo do errado. Também, pode ocorrer que ela inicie um joguinho sutil, colocando sempre um dos genitores do seu lado, contra o outro que perde o papel de educador. Assim, ambos ficam sem autoridade, o que a defende e o que lhe impõe limites.

Consideramos de fundamental importância os pais colocarem limites para a criança, em todas as situações que se fizerem necessárias, para que ela possa transferir suas atitudes positivas para o ambiente escolar. A questão de estabelecer horários auxilia a criança a se organizar melhor internamente, e isso se refletirá em suas ações, deixando-a mais feliz.

Percebemos a necessidade do filho fazer pelo menos uma refeição ao dia, com os pais, para que aprenda se servir, mastigar adequadamente os alimentos e ter um comportamento saudável. Assim, perceberá a união familiar e sentir-se-á mais seguro, captando a existência de um eixo familiar no qual poderá se apoiar.

Outro aspecto de fundamental importância é a questão da responsabilidade, que deve ser infundida na criança desde pequena, a fim de auxiliá-la no processo de amadurecimento.

Referimo-nos às ações que devem ser cobradas da criança no tocante à organização de seus brinquedos, higiene e objetos pessoais, como também a manutenção da organização da casa e cumprimento de suas tarefas, bem como hábitos de estudo. As cobranças excessivas podem repercutir negativamente na formação da sua personalidade.

Buscaremos exemplificar algumas atitudes da criança que demonstram a repercussão da falta de internalização de responsabilidades:

- a criança que não faz lições e atribui a responsabilidade aos pais: “também você não disse nada”, “saímos para passear e não deu tempo”, ou “minha mãe não leu a agenda...”
- a criança que não se compromissa com suas dificuldades escolares, como se isso se constituísse em uma tarefa dos pais. Para ela, estes é que deverão fazê-la aprender, sem esforço mental da sua parte.

Acostumada a não ter responsabilidade, a ter sempre uma pessoa que execute por ela, a criança antes de tentar executar, responde “não sei”, evitando pensar, esperando que alguém pense por ela, permanecendo infantilizada.

Os pais, na tentativa de propiciar o melhor para o filho, acabam pensando e executando tarefas por ele, com o intuito de preservá-lo.

As consequências dessas atitudes paternas, a nosso ver, vão repercutir na aprendizagem escolar e na aprendizagem da vida.

Ao tomar consciência da importância dos limites e das responsabilidades para o desenvolvimento da criança e tendo percebido suas falhas nesse processo, os pais podem se sentir muito culpados.

Não é nossa intenção despertar-lhes esse sentimento, mas, sim, a consciência de que podem estar fomentando a dependência da criança e o sentimento de incapacidade para a vida.

Alertamos que, se não há educação, há reeducação, sempre é tempo de começar.

Para saber mais sobre o tema abordado, leia *Manual de Orientação aos Pais*, de autoria de Cássia M. A. Schmitz e Leila S. J. Chamat e *Revista Viver Psicologia*.

Serviço de Orientação Educacional e Psicopedagogia – Fundamental II